

SUPLEMENTO ESPECIAL

A Incrível Família de Mama Rosa

JOSEPH P. BLANK



ELA precisava de crianças sem mãe. No princípio, encontrou-as na rua; depois, os pais começaram a entregar-lhe os filhos que não eram desejados; em seguida, a polícia e os tribunais mandaram-lhe as crianças abandonadas ou delinquentes. Desde 1950, ela, que tem agora 40 anos, adotou cerca de 800 crianças, e atualmente está criando 179 jovens com idades entre 1 e 24 anos. Apesar de jamais se ter casado e nunca ter estado grávida, é a «mãe natural» de 44 meninos e meninas, e mãe adotiva de outras 43 crianças.

Chama-se Rosa Verduzco, e vive em Zamora, Michoacán, México. Os apanhadores de morangos nos subúrbios da cidade, os motoristas de ônibus urbanos e interestaduais, as autoridades municipais e estaduais, todos a conhecem como Rosa, a indomável matriarca de La Gran Familia. Suas crianças, porém, a tratam por Mama. Para os amigos, ela é Rosita. Apesar do diminutivo, é corpulenta e forte e capaz de jogar futebol descalça.

«Pode me chamar de La Gordá», confessou-me.

«Sou uma mulher primitiva», costuma dizer rindo. «Não disfarço aquilo que sou ou o que sinto» Franca, despreziosa e amável, tem uma personalidade irresistível e explosiva, que nos atinge como uma avalanche. Às vezes, sua voz é seu vocabulário parece os de um sargento. Momentos depois de dar impulsivamente uma palmada num garoto que fez uma travessura, ela chora de arrependimento. Quando está alegre, seu

riso explode. Se uma criança fica doente, sua preocupação é tão intensa que ela chega a adoecer também.

Entre suas 179 crianças, com exceção das mais velhas, ela é o único adulto.

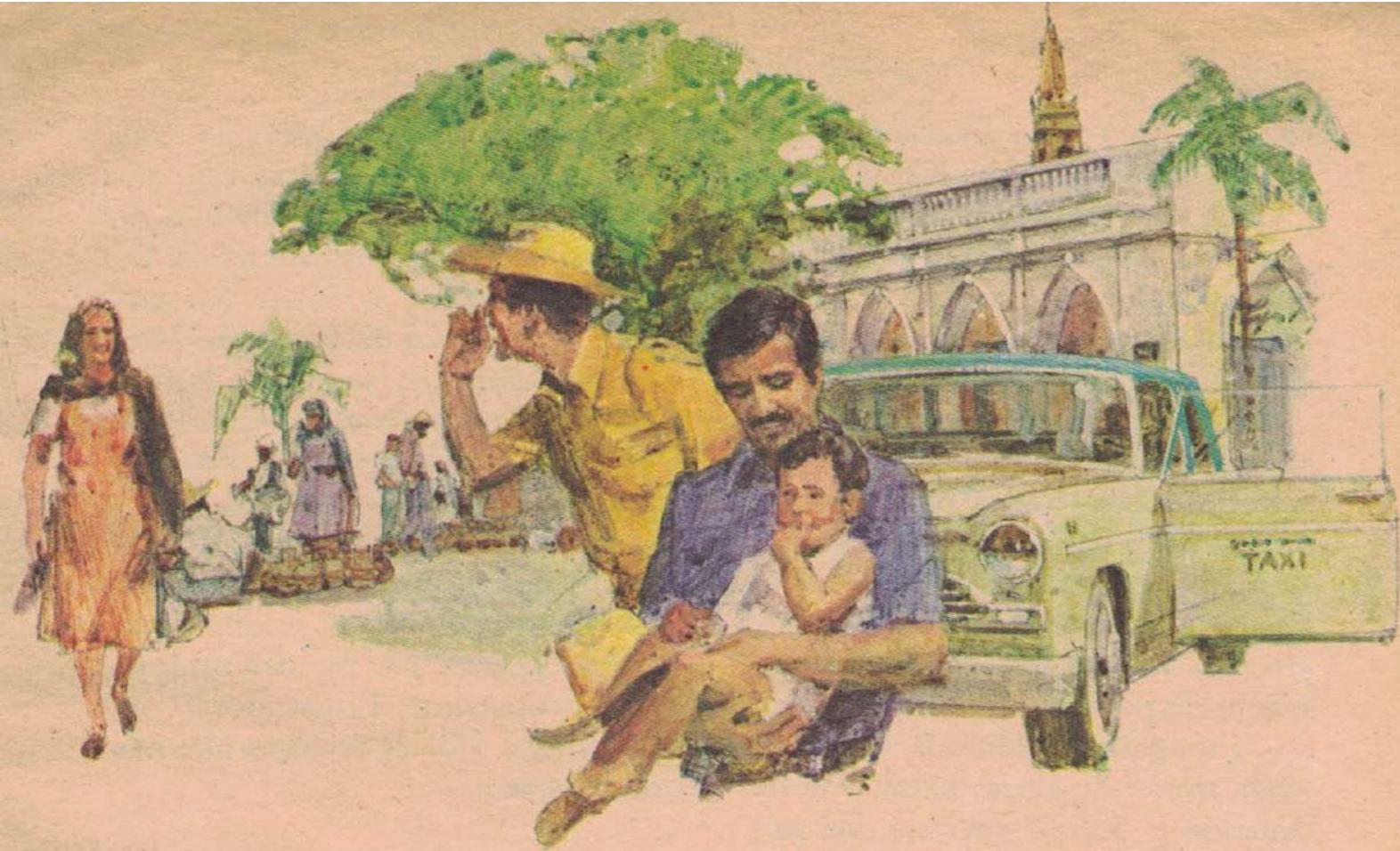
«Uma mãe aqui é suficiente», explica Rosa. Em sua instituição, não existem arquivos. «Qual mãe precisa manter dossiês com fichas de seus filhos?» Ela não necessita de nenhum esforço para se lembrar dos 179 nomes. «Qual mãe é capaz de esquecer os nomes dos filhos?»

Cada uma das suas crianças começou a vida como um ser sem carinho e sem amor, provavelmente destinado ao «caixote de lixo» da sociedade. Rosa lhes está dando aquilo que, de outro modo, elas jamais teriam — uma verdadeira oportunidade na vida. Eis a sua história.

OS VERDUZCOS são uma das mais antigas e distintas famílias de Zamora, cidade de 83 mil habitantes, a cerca de duas horas de carro a sueste de Guadalajara. Como era filha de um rico industrial, Rosa nunca teve de escovar o cabelo, puxar o fecho *éclair* do vestido ou tirar os pratos da mesa. Havia sempre uma criada para fazer tudo isso.

Então, em 1950, quando tinha ainda 15 anos, um seminarista telefonou-lhe e disse-lhe que um menino de uns nove ou dez anos tinha aparecido no seminário. Marcial* havia sido abandonado por uns artistas de

* Os nomes das crianças foram mudados para salvaguardar sua vida particular.



circo que tinham deixado Zamora três dias antes. Como Rosa era a presidenta de um comitê escolar cuja finalidade consistia em praticar obras de caridade, seria possível que arranjasse um modo de alimentar o menino?

Depois que Marcial saciou o apetite, ela perguntou-lhe o que seria dele no futuro. Ele deu de ombros. Zamora não tinha orfanato, e o abrigo mais próximo para as crianças abandonadas, que ficava a cerca de 150 quilômetros, estava superlotado e com falta de funcionários. O coração de Rosa comoveu-se com aquele menino subnutrido, abandonado e solitário. Alguém tinha de tratar dele; não poderia ser simplesmente ignorado.

Rosa decidiu assumir pessoalmente a responsabilidade de cuidar de Marcial. O garoto tomava as refeições

em casa dos Verduzcos, e Rosa conseguiu que ele fosse dormir nos aposentos reservados aos empregados, num hotel de propriedade de um amigo da família. Fez que o menino se matriculasse numa escola; sentia-se como se fosse verdadeiramente a mãe dele.

Alguns meses depois, Rosa já estava tomando conta de mais alguns garotos, famintos e sem família, que pediam esmola ou que roubavam para sobreviver. Quando o ano chegou ao fim, já tinha a seu cargo seis meninos. «Naquela época, ela estava frequentando o ginásio», recorda o promotor Arturo Rodríguez Zetina. «Quando chegava a casa, de volta da escola, soprava um apito, e todos aqueles garotos vinham correndo rodé-la. Muitas pessoas achavam que aquilo era um comportamento muito

estranho para uma menina de boa família, mas Rosa não se importava.»

Cada vez ela se identificava mais com seus meninos; começou a falar a linguagem das ruas; seus divertimentos eram os que partilhava com eles: nadar, jogar futebol, conversar.

Então, começou a pensar que os meninos deveriam ter um lar. Resolveu trabalhar como professora numa escola primária, a fim de ganhar dinheiro. Alugou uma casa barata (apenas três cômodos vazios) e arranhou uma velhota, que passava lá algumas horas por dia cozinhando e lavando as roupas dos meninos. Como era ainda menor de idade, todas as noites tinha de ir dormir em casa dos pais.

Para Rosa, aqueles foram tempos difíceis; não podia pedir dinheiro à família, pois o pai não aprovava o que ela estava fazendo. Embora tivesse comida à vontade em casa dos pais, recusava-se a comer melhor do que os protegidos. Estes tentavam ajudá-la vendendo jornais, geléia de frutas e outras coisas na praça.

Algumas tardes, porém, ela e os meninos tinham que ir procurar no lixo perto do mercado frutas e verduras que haviam sido jogadas fora.

«Eu tinha tanto que aprender sobre o modo de tomar conta de uma casa e de cuidar de crianças!», relembra Rosa, «e tinha que estar absolutamente certa de que isso era o que eu desejava realmente fazer. Não podia brincar irresponsavelmente com as vidas das crianças; não poderia tomar conta delas durante certo tempo, e depois, sem mais nem menos, dizer: 'Isto é demais para mim. Desisto!'»

Para testar a força de suas convicções, deixou as crianças em casa de uma pobre senhora de idade e, fazendo constar que iria estudar na Cidade do México, arranhou um emprego no orfanato da Fundação Mier y Pesado. Passou o ano letivo tomando conta de 33 meninas. Cada centavo do seu salário ia para Zamora, a fim de sustentar suas crianças.

Ao fim de dez anos, suas idéias e sentimentos haviam se cristalizado. «Eu queria ter um lar e uma família, mas necessitava da maternidade, não do casamento. Então, decidi dedicar minha vida às crianças que não tinham mãe.»

Filhos «naturais»

ROSA voltou para Zamora em 1954. O pai tinha morrido, e a mãe concordou com a decisão, dando-lhe uma casa de propriedade da família. Ali instalou seus sete meninos e, pouco depois, mudou-se também para junto deles.

A «família» modificava-se e crescia. Marcial resolveu ir-se embora e tentar vencer na vida sozinho; outro menino tomou o seu lugar. Mais dois saíram e, numa semana, três outros chegaram. Um dia, Rosa estava atravessando a praça, a caminho do seu emprego de professora, quando viu vários motoristas de táxi brincando com uma criança de cerca de dois anos. «Ei, Rosita! Olhe aqui mais um para você.» Roberto era filho de uma prostituta, que o tinha abandonado e havia desaparecido. Rosa pegou-o ao colô e levou-o para casa.

Apareceu depois uma viúva que ia casar-se novamente, e seu futuro marido não queria ficar com os três filhos dela; um policial veio com uma criança abandonada; um viúvo trouxe seu filhinho de três anos. Um menino de quase oito anos, com uma expressão dolorida nos olhos, bateu-lhe um dia à porta e perguntou: «Posso morar aqui?» Rosa recebia-os a todos sem fazer perguntas, com o maior prazer.

Em novembro de 1957, ela «teve» seu primeiro bebê. Um padre de uma cidade próxima falou-lhe no caso de uma mãe solteira e débil mental, que estava no hospital e que havia tentado estrangular o filho recém-nascido; depois, tinha-se recusado a deixar que o tirassem da cama. A mulher precisava estar sob permanente vigiância.

Rosa foi visitá-la. Os olhos delas se encontraram. «Eu não quero esse bebê», protestou a mãe. «Você o quer?» Rosa fez que sim. A mulher entregou-lhe a criança e exclamou: «É seu!»

O bebê era prematuro, e estava quase morto. Um médico examinou-o e disse: «Ainda está vivo, mas não creio que resista muito tempo.»

«Ele vai viver!», exclamou Rosa indignada. Durante duas semanas, enquanto a vida do bebê esteve em perigo, ela nem conseguia comer, dormia pouquíssimo e não tinha paciência com as outras crianças.

O bebê sobreviveu. Totalmente dedicada, Rosa queria dar-lhe segurança, fé e a certeza de que tinha uma mãe que o amava. Uma idéia nova,

para ela inteiramente realista, surgiu-lhe na mente. Foi à prefeitura, e registrou Guillermo como seu filho natural. Quanto à paternidade, mencionou: «Pai desconhecido.» Alguns meses depois, registrou como seu próprio filho outro bebê, um menino. Este ritual passou a tornar-se um hábito. Todos os bebês com menos de um ano (às vezes as circunstâncias faziam com que fossem «gêmeos» ou mesmo «trigêmeos») tornavam-se seus filhos naturais. Mais tarde, começou a adotar oficialmente os mais velhos também.

Dava às crianças o seu amor, com todas as lágrimas e risos, esperanças e medos; também lhes dava disciplina e, às vezes, chegava a ser ditatorial. «Você tem que varrer a casa às três e meia!» «Você tem que tomar conta das crianças pequenas das quatro às cinco!» «Depois 'das seis da tarde, nenhuma criança com menos de dez anos pode ir para a rua sozinha!» Obrigava todas as crianças em idade escolar a freqüentarem a escola, gostassem ou não. «Você sabe muito bem o que significa ser pobre», dizia ela. «O primeiro passo para escapar da pobreza e conseguir realizar-se é a educação.»

As crianças conheciam bem a pobreza. Rosa trabalhava e as crianças mais velhas também, apanhando morangos e vendendo jornais, para arranjar algum dinheiro extra. «Às vezes não tínhamos comida suficiente», relembra Roberto, «mas o que me ficou gravado na memória foram o companheirismo e a solidariedade que existiam naquela família.»

«Eles estão aprendendo»

Em 1960, Rosa estava tomando conta de mais de 40 crianças. Tinha três casas com meninos e uma com meninas, mas esse tipo de organização não funcionava, uma vez que ela não podia estar em quatro lugares ao mesmo tempo.

Deixou de ensinar, arranjou um emprego melhor como diretora de circulação de um jornal, e amealhava todos os centavos que podia. Os amigos e a família conseguiram-lhe mais algum dinheiro; as crianças ajudaram. Depois de 18 meses, tinha dinheiro suficiente para pagar a entrada na compra de um terreno nos subúrbios da cidade.

«Agora vamos edificar um lar para a nossa família», disse ela às crianças. «Os meninos mais velhos vão começar a aprender ofícios necessários para construir casas: eletricitas, bombeiros, carpinteiros. Vamos fazer nossa casa depois do horário da escola e durante as férias. Ninguém vai perder nem um só dia de aulas.»

O trabalho levou 18 meses. As crianças de nove anos faziam tijolos; as de seis anos carregavam-nos. Às vezes, meninas de dez anos cozinhavam as refeições lá mesmo no local da construção. Uma vez, após ter sido concluído um edifício, as crianças foram encontrar no local um monte de destroços — tinham posto areia de mais no cimento. Depois, foram os fios elétricos que deram curto-circuito. Os canos pingavam. O insucesso ameaçava constantemente o empreendi-

mento, mas, esmolando, regateando, e obtendo dinheiro emprestado, Rosa conseguia sempre os materiais de construção de que necessitava. Aos poucos, os prédios foram se tornando uma realidade e, finalmente, um muro cercou todo o conjunto.

Em 1963, Rosa e as crianças mudaram-se para lá, e ela imediatamente abriu a Escola Primária da Grande Família. No Estado de Michoacán, 28% das crianças de idades entre os 6 e os 14 anos vão à escola, mas na Grande Família, *todas* as crianças mentalmente aptas completam os seis anos do curso primário.

A princípio, Rosa teve que contratar professores, mas hoje em dia todos eles são membros mais velhos da «família», que se dedicam a lecionar. A escola é oficial, e o nível de aproveitamento das crianças é elevado. Alberto Cerda Moreno, diretor da escola preparatória federal em Zamora, acha que os adolescentes da Grande Família não diferem dos filhos de famílias da classe média quanto ao aproveitamento escolar. «No entanto, é possível distingui-los dos outros porque são extremamente disciplinados, mais amadurecidos e possuidores de mais autoconfiança no trato com as pessoas — e tudo isso é resultado da educação que Rosa lhes dá.» Dez rapazes e moças estão no momento freqüentando cursos para professores universitários em Morelia e na Cidade do México.

Tanto quanto possível, as crianças de Rosa cuidam da instituição sozinhas, mas existe também alguma ajuda de pessoas alheias à Grande Família.



As populações de Zamora e de outras povoações contribuem com cerca de 100 mil pesos por ano, vários zamoranos ricos doam 12 mil e o governo federal cede 18 mil. Tudo isso junto vem a dar perto de 10 mil pesos (800 dólares) por mês, para pagar a comida, o vestuário e abrigar 180 pessoas. Às vezes, um fazendeiro que teve uma boa colheita envia-lhes uma tonelada de batatas, ou um fabricante dá 20 caixas de sopa enlatada.

Nenhum dinheiro é gasto em trabalhos especializados, uma vez que os mais velhos são eletricitas, soldadores, pedreiros, padeiros, vidraceiros, barbeiros, costureiras e mecânicos de automóveis, que aprenderam o ofício por si. Cada especialista tem consigo

um aprendiz mais jovem, que tomará o seu lugar quando ele ou ela forem continuar a instrução ou se tornarem independentes. A comida é feita por quatro meninas, de idades entre os 7 e os 14 anos. «Talvez elas não sejam as melhores cozinheiras do mundo», diz Glória, uma adolescente, «mas gostam de cozinhar e estão aprendendo; portanto, nós agüentamos e tentamos não reclamar muito.»

Outro passo em direção à auto-suficiência foi dado há cinco anos, quando um amigo da Família doou 28 hectares de terra arável a cerca de quatro quilômetros do conjunto de prédios. As crianças ajudaram a limpar o terreno e a plantar sementes. Rosa pediu dinheiro emprestado para

comprar gado. Hoje, a fazenda tem uma manada de 100 vacas, a maioria leiteira, que produzem leite para beber, para fazer queijo e sobremesas, e para vender. Colheitas de frutas, milho, feijão, tomate e outros vegetais produzem alimentos e dão dinheiro.

Sem pedir nem roubar

QUANDO o ano escolar acaba, a Família pinta os edifícios e faz os trabalhos de manutenção necessários; depois, prepara-se para as férias coletivas. Rosa fez das férias mais do que uma simples diversão; constituem um treinamento de responsabilidade.

Um grupo de voluntários, composto de rapazes e moças mais velhos, fica em casa, tomando conta das 22 crianças de menos de seis anos e cuidando da casa e da fazenda. Os meninos que vão de férias são divididos em grupos de três e viajam por conta própria, com um adolescente tendo a seu cargo duas crianças mais novas. Leis específicas regem a viagem: ninguém leva dinheiro, ninguém rouba, ninguém pede esmola, ninguém aceita dinheiro e, se uma criança se perde, ninguém come até que ela seja encontrada.

Recentemente, o lugar escolhido para as férias foi Manzanillo, um porto da costa ocidental do México. Cada chefe de grupo levava mapas das estradas. «Tentem conservar-se nesta estrada principal», aconselhou Rosa às crianças. «Haverá postos de controle aqui, aqui e aqui. Vamos ver se conseguimos nos encontrar todos na praça principal de Manzanillo.»

Na manhã seguinte, mais de 100 crianças em grupos de três saíram da instituição e tomaram a estrada. Quando não conseguiam pegar carona num carro ou caminhão, iam a pé. Nas paradas dos ônibus, mostravam cartões com o timbre: LA GRAN FAMILIA. Se o motorista tinha lugares, dizia «podem vir três» ou «seis», e as crianças que tinham sorte faziam a viagem de graça. De noite, dormiam ao ar livre, ou pediam abrigo em alguma casa próxima. Ofereciam-se para executar pequenos serviços e recados, em troca de comida. No dia seguinte, a Família juntou-se na praça de Manzanillo. Muitos habitantes da cidade ofereceram-lhes hospitalidade em suas casas. Rosa e as demais crianças que não conseguiram alojamento dormiram no chão da igreja.

A Grande Família tem sempre tentado retribuir a hospitalidade com um serviço qualquer. Em Manzanillo, as crianças limpam as ruínas de uma igreja que tinha sido atingida por um tufão; em Chiapas, pavimentaram uma rua para demonstrarem sua gratidão; em Chilchota, deram um espetáculo com entradas pagas, e depois aplicaram o dinheiro conseguido na compra de materiais para construir uma capelinha no cemitério local.

Quando a Família visitou Tectapán, encontrou as pessoas divididas, nitidamente separadas em dois grupos: os católicos e os adventistas do sétimo dia. As crianças pediram a Rosa para fazerem uma proposta aos chefes religiosos locais. Então, na véspera de Natal, os jovens promo-

veram uma cerimônia religiosa na igreja católica, para a qual toda a cidade foi convidada. No domingo seguinte, fizeram o mesmo na igreja adventista, e convidaram outra vez todo mundo. Sua finalidade era demonstrar que a religião deve unir as pessoas, e não separá-las.

Hei-de fazê-lo sorrir

DE VEZ em quando, a Família muda e cresce. Um policial que patrulha as ruas traz uma garotinha, de dois anos de idade talvez, encontrada vagueando nua; um bebê recém-nascido, semimorto, é achado numa lata de lixo e entregue a Rosa; às três da manhã, ouve-se o choro de uma criança junto ao portão — não há nenhum adulto à vista; quatro crianças retardadas são trazidas por pais que não conseguem cuidar delas.

Rosa só se preocupa com a criança em si. Quando uma mãe lhe leva um filho e diz «Eu gostaria de tê-lo novamente comigo depois de arrumar minha vida», Rosa responde sempre: «Não! Não posso brincar com as vidas das crianças. Você tem que assinar uma declaração dizendo que o filho ficará com a Família até acabar o curso elementar, e que depois só voltará para sua companhia se ele quiser.» Em várias ocasiões, tem havido mães que tentaram discutir a legalidade desse acordo, mas os tribunais dão sempre razão a Rosa.

Uma mulher entregou-lhe seus gêmeos recém-nascidos, que tivera de outro homem enquanto o marido trabalhava nos Estados Unidos. Oito

anos mais tarde, ela voltou e disse a Rosa: «Vou levar o menino e deixo a menina com você.»

«Desapareça da minha frente!», berrou Rosa furiosamente. «As crianças não são objetos que se possam dar e tirar de novo. Estes dois consideram-me como mãe. Para eles, a Família significa amor e segurança. Se você fosse lhes dizer que era a mãe deles e que os tinha abandonado, isso iria magoá-los para sempre — e eu a mataria!» A mulher viu o furor nos olhos de Rosa e foi-se embora.

Recentemente, uma mulher ofereceu a Rosa seus dois filhos, de dois e três anos de idade. «Tenho uma oportunidade de me casar novamente», explicou, «mas não com estes dois garotos comigo» — e assinou um acordo dando a Rosa os meninos.

Após cinco meses fazendo parte da Família, o menino mais velho ainda não sorri, e raramente fala. Rosa cumula-o de carinhos, conversa alegremente com ele, abraça-o e beija-o. «Ele sabe que a mãe o abandonou, e vai se passar muito tempo antes que ele possa ser feliz, mas algum dia vai sorrir e brincar como qualquer criança. Eu hei de fazê-lo sorrir.»

«Mudar uma criança assim leva tempo, paciência e amor», diz a psiquiatra Dra. Maria Elena Ibáñez, que tem sido amiga e conselheira da Família, «mas Rosa vai conseguir. Já a vi vencer muitas vezes».

Quero lhe pedir desculpa

ROSA pode ser afetuosa, mas é também franca e dura quando está

tentando disciplinar as crianças. Uma vez, mandou um menino no caminho buscar bananas para a Família, e depois veio a descobrir que ele tinha escondido algumas para comer. «Isto está errado», disse-lhe ela. «Você sabe como temos cuidado com o dinheiro e com a comida. Você roubou oito bananas; portanto, agora vai ao *playground* escolher oito crianças pequenas e dizer a cada uma delas que lhe roubou uma banana.»

Furtar comida é grave, porque priva a criança do seu quinhão. Quando um menino tirou o pão de outro ao jantar, Rosa disse ao culpado: «Você não come mais pão! Vai ver o quanto custa.» Na tarde do terceiro dia sem comer pão, ela abraçou-o e explicou-lhe: «Você já pagou por aquilo que fez. Acho que agora aprendeu. Hoje à noite, vamos os dois a um restaurante e você vai comer todo o pão que quiser.»

Uma vez, os meninos mais velhos resolveram dormir até mais tarde e tomar o café-da-manhã uma hora depois das outras crianças, mas este luxo aumentou injustamente o trabalho das meninas que faziam a comida e a limpeza da cozinha. Naquela tarde, ela colocou um aviso no quarto: «Amanhã, os meninos mais velhos não tomarão o café-da-manhã, em sinal de respeito para com o Presidente da República (e também porque não se levantaram hoje na hora em que deviam).»

Do mesmo modo, as crianças reclamam com ela quando acham que está errada. Uma vez, ela estava entrando no pátio quando viu um menino bater

em outro menor. Correu para ele e bateu-lhe com força. Uma hora mais tarde, três dos meninos mais velhos vieram pedir-lhe satisfações. «Havia nove meninos e meninas presentes quando você bateu naquele colega», relataram. «Dois não viram os antecedentes da cena; um concorda com o que você fez; seis acham que você procedeu mal, porque não reparou que o menino menor foi quem tinha provocado a briga.»

«Se seis acham que eu estava errada, é porque realmente estava», admitiu Rosa. Na presença da comissão de protesto, ela disse ao menino que tinha sido castigado injustamente: «Eu não investiguei primeiro; agi impulsivamente. Quero lhe pedir desculpa e espero que você a aceite.»

Sempre que possível, Rosa gosta de estar só com uma criança ou com um pequeno grupo. Uma menina passa por ela e Rosa pode perguntar: «Lupe, vamos as duas ao cinema logo à noite?» Não é raro que a menina responda: «Por que você não leva a Patrícia? Ela anda tristonha. Vai lhe fazer bem.» É claro que crianças como essas aprenderam a preocupar-se com as outras, e são verdadeiramente irmãs e irmãs.

Durante os primeiros meses na Família, uma criança recém-chegada, solitária e amargurada, muitas vezes se ressentia da rígida disciplina da escola e do trabalho. «Sabemos o que está acontecendo quando um garoto se mantém isolado e chora de noite na cama», diz Rubén, de 17 anos. «Se conseguimos fazê-lo falar, ele não fugirá. Nós o consolamos, e dizemos-



lhe que também já passamos por isso. É claro que isto não é como a vida na rua. Não podemos entrar e sair, comer e dormir, trabalhar ou não, conforme nossa vontade. Aqui, temos uma família – uma mãe, irmãos e irmãs que se importam conosco. Se quisermos, poderemos vir a ser alguma coisa na vida. Não levamos muito tempo para perceber que, vivendo nas ruas, não teremos estas vantagens.»

Delinquentes muito difíceis

EM MEADOS da década de 1960, Rosa começou a pensar que uma outra espécie de jovens poderia ser aju-

dada pela Família: os *pivetes* difíceis de recuperar. Pediu licença para retirar da prisão e levar para sua instituição alguns desses rapazes, e pediu também aos juízes que «condenassem» os delinquentes juvenis a irem fazer parte da Grande Família em vez de serem condenados à prisão. Os tribunais concordaram, com a condição de que, à noite, os meninos ficassem fechados à chave e de que um policial armado estivesse de guarda 24 horas por dia no portão da casa, a fim de evitar fugas.

Vários zamorenses influentes puseram objeções contra a presença desse contingente de criminosos, e um gru-

po das suas próprias crianças levantou dúvidas quanto à justiça dessa decisão. «Isto vai estragar o ambiente da Família. Eles só vão nos trazer problemas.»

«Mas estes garotos vêm do mesmo meio que vocês», disse Rosa, «e necessitam das mesmas oportunidades que vocês tiveram.»

Levou consigo os piores — adolescentes condenados por assassinio, assalto a mão armada, roubos contumazes, vício de drogas, comércio de entorpecentes. Realmente, houve problemas. Os *pivetes* queixavam-se da escola, do trabalho, da comida; atacaram o policial de guarda; roubaram as crianças menores e bateram-lhes. Os garotos mais velhos resolveram tomar conta deles. «Vocês serão tratados como tratarem os outros», explicaram-lhes — e deram-lhes boas surras. Deu resultado. Quando um deles dirigiu palavrões a Rosa, ela perguntou-lhe: «O que aconteceria se você falasse dessa maneira para um guarda da prisão?» «Ele me batia.» Rosa deu-lhe um tapa que o atirou longe.

Gradualmente, a influência da Família fez-se sentir sobre os *pivetes*. Quando chegou lá, Chucho, de 15 anos, condenado por arrombamento e roubo, era taciturno, brigão, violento. Com o tempo se modificou. «Aprendi muito aqui», declara ele, após nove meses. «Nunca tinha ido nem um dia à escola. Agora estou no terceiro ano, e gosto muito. A sentença a que fui condenado vence dentro de um ano, mas quero ficar aqui até o sexto ano, e depois voltar para Morelia para ajudar minha família.»

Rubén diz: «Já vi muitos delinqüentes se modificarem. Acho que isso acontece porque eles são vigiados sobretudo por meninos da mesma idade, em vez de o serem por adultos. Recebem exatamente a mesma comida, o mesmo ensino e executam o mesmo trabalho que todos nós. No princípio, receamos que os *pivetes* tivessem uma influência perniciosa sobre algumas das crianças da Família, mas o que sucede é precisamente o contrário.»

«Enviamos os casos mais difíceis para Rosa», diz o juiz Abdón Carranza y Carranza, do tribunal de Zamora, «e ela consegue interromper o processo de viciamento criminoso em que essas crianças estão inseridas. Ela está fazendo um trabalho maravilhoso, um trabalho que ninguém mais queria fazer.»

Tempos difíceis

COMO nas outras famílias, os períodos mais dramáticos na vida da Grande Família ocorrem quando uma criança morre ou fica gravemente doente. Rosa tem tomado conta de crianças com defeitos cardíacos congênitos, desnutrição, anemia, pelagra. Também acontecem acidentes — uma criança cai de um balanço ou do telhado, ou é atropelada. Nestas emergências, outras crianças pegam a víti-

te de trás do caminhão, enquanto Rosa acelera em direção ao hospital, com a mão na buzina e os faróis piscando. Seu rosto, visto por cima do volante, vai branco de ansiedade.

No hospital, ela grita com enfermeiras e médicos, e às vezes desmaia, no meio de lágrimas e aflição. Quando Maribel, de seis anos, parecia que ia morrer de peritonite, a crise durou três dias. Rosa não conseguia comer nem dormir. Toda a casa estava triste. As crianças mais velhas juntavam-se perto do telefone, aguardando notícias do hospital. Ninguém ria; ninguém brincava. Os balanços estavam parados. Muitos dos meninos mais velhos não compareceram aos seus empregos, para o caso de ser necessária a sua ajuda. Quando a crise passou, a Família estava cansada de mais para comemorar.

Rosa utiliza muitas vezes os serviços do Dr. Manuel Bribiesca, importante pediatra de Zamora, e suas relações com ele são diretas, abruptas, rudes. O palavreado que eles costumam usar um com o outro faria enrubescer um motorista de caminhão. Frequentemente, Rosa entra no seu consultório com uma criança nos braços, e pede em altos brados que lhe dê imediatamente atenção. Se outra mãe que está na sala-de-espera levanta objeções, o médico diz-lhe: «Rosa Verduzco tem 179 filhos. Ela precisa de tratamento preferencial. Se a senhora tivesse 180 filhos, eu a atenderia antes dela.»

Numa só semana, levaram a Rosa trigêmeos, prematuros e doentes. Ela deu-lhes banho, alimentou-os, mudou-lhes as fraldas, embrulhou-os em cobertores e levou-os ao Dr. Bribiesca. «Faça alguma coisa!», rogou-lhe. Exausto, sobrecarregado de trabalho e caindo de sono, o médico examinou

as crianças e disse: «Estes bebês são prematuros e talvez não sobrevivam. Não posso fazer grande coisa. Faça a senhora o que puder.»

Rosa, aos gritos, insultou o médico e saiu do consultório, com os bebês ao colo, mas, enquanto arranjava um táxi e chegava a casa, o Dr. Bribiesca já estava lá. Seguindo indicações dele, várias meninas limpavam um quarto para os bebês doentes, arranjaram berços, aquecedores elétricos e prepararam leite enriquecido especialmente para eles. Nem ele nem Rosa trocaram uma palavra. Preferiram não mencionar a afeição e o respeito mútuos. Os três bebês sobreviveram e, alguns meses depois, Rosa registrou-os como seus filhos trigêmeos naturais.

«Ela às vezes é uma fera», diz o Dr. Bribiesca, «mas reconheço que é uma santa.» Muitas pessoas pertencentes às classes sociais mais elevadas queixam-se da sua franqueza, linguagem e atitudes pouco convencionais. No entanto, elas também fazem parte da nossa sociedade, uma sociedade que entregou a Rosa alguns dos seus casos mais difíceis, as suas crianças-problemas. Ela as aceita com alegria, e as transforma em seres humanos decentes e respeitáveis.

Para os zamoranos, os métodos de Rosa parecem às vezes pouco ortodoxos e rudes. Quando a companhia de eletricidade cortou o fornecimento, por causa de uma discussão sobre uma conta, Rosa passou vários dias tentando resolver o problema, e depois entrou em ação. Mandou três das meninas mais velhas com cestos de roupa e tábuas de passar para os escritórios

da companhia. Elas abriram as tábuas, ligaram os ferros elétricos e começaram a trabalhar. O gerente ficou chocadíssimo. As meninas explicaram-lhe que o trabalho simplesmente tinha que ser feito. A companhia imediatamente ligou outra vez a eletricidade à Grande Família.

Lidando com a companhia telefônica depois que uma tempestade destruiu as linhas, ela usou o mesmo método direto. A companhia mandou consertar os cabos de uma empresa engarrafadora de bebidas, que ficava ali perto, mas ignorou a Grande Família. Rosa queixou-se de que a necessidade da Família era muito mais urgente. «Amanhã», respondeu-lhe um funcionário da companhia.

Depois de esperar três dias, Rosa, juntamente com 20 crianças pequenas, invadiu os escritórios da companhia. «Tomem conta das minhas crianças enquanto eu vou tratar dos assuntos que poderia resolver pelo telefone», disse ela a um superintendente, e retirou-se. Quando voltou, algumas horas mais tarde, ele disse-lhe: «Tire estas crianças daqui. O seu telefone já está sendo consertado.»

Realizada

PROVAVELMENTE, a Grande Família é uma experiência única. «Realizei pesquisas e tratamentos entre órfãos e crianças abandonadas no México e nos Estados Unidos, diz a Dra. Ibáñez, «mas em nenhuma instituição encontrei crianças (crianças terrivel-

mente maltratadas pela vida) com tanta confiança e tamanho sentimento de segurança. Elas são extrovertidas, expressivas, vigorosas. Têm sal e pimenta.»

O promotor Rodríguez Zetina resume assim o resultado da experiência levada a efeito pela Grande Família: «Ainda não ouvi falar de nenhum adolescente da Grande Família que tenha se transviado. Todos eles são respeitáveis cidadãos.»

A própria Rosa declara: «Eu sou feliz. Ninguém pode ser mais feliz que eu. Não desejo mais nada. Sinto-me realizada. Quando vejo uma criança modificar-se e desenvolver todo o seu lado bom, esta é a realização da minha vida; não quero mais nada. Se uma criança que deixou esta casa me telefona, ou me faz uma visita, ou se uma criança me abraça ou me beija, isso já vem como um extra. É uma dádiva.»

Às vezes, um desses brindes toca tão profundamente o coração de Rosa que ela tenta esconder seus sentimentos. No seu último aniversário, crianças contrataram uma orquestra de *mariachis* para fazer-lhe uma surpresa. Por volta da meia-noite, os músicos começaram a tocar barulhentosamente o «Parabéns pra você» defronte da sua casa. Rosa levantou-se da cama, abriu a porta e viu toda a Família cantando e sorrindo atrás da orquestra, fazendo-lhe uma serenata. «Desapareçam daqui e deixem-me dormir!», berrou ela. Então, fechou a porta, sentou-se na cama e chorou... de alegria.